

GULBENKIAN. OPEN DATA

Aurora Carapinha, Paula Simões, Paula Corte Real, Gonçalo Pinheiro

RESUMO

O jardim da Fundação Calouste Gulbenkian, projeto da década de 60, da autoria de Gonçalo Ribeiro Telles e António Facco Viana Barreto é o mais icónico jardim do movimento moderno em Portugal.

Carateriza-se por um desenho inovador que plasma o conceito de paisagem defendido pela primeira geração de arquitetos paisagistas, dando origem a uma nova forma de desenhar jardins em Portugal mais próxima da cultura portuguesa, da ecologia da paisagem mediterrânica e de um desenho de espaço que trabalha com as massas de vegetação e a luz para construir ambiências.

Este projeto foi também paradigmático pela quantidade de testemunhos que deixou, nomeadamente estudos e desenhos, mas também apontamentos e registos de todo o processo.

Este arquivo digital é o resultado da compilação digitalização, catalogação e interpretação de toda a informação que documenta o projeto e obra do (então) Parque Calouste Gulbenkian.

A sua navegação oferece diferentes possibilidades de pesquisa e a diversidade de documentos permite articular os diversos conteúdos de forma abrangente.

Com a sua disponibilização on-line é agora possível aos mais curiosos ou a investigadores especializados vindos das mais diversas áreas do saber aprofundar o estudo de todo o processo de conceção e construção do jardim.

PALAVRAS-CHAVE: jardim, história, Open-data, património

GULBENKIAN. OPEN DATA

Aurora Carapinha, Paula Simões, Paula Corte Real, Gonçalo Pinheiro

ABSTRACT

The Calouste Gulbenkian Garden, a project of the 60s, by Gonçalo Ribeiro Telles and António Facco Viana Barreto, is the most iconic garden of the modern movement in Portugal.

It is characterized by an innovative design that reflects the concept of landscape defended by the first generation of portuguese landscape architects, giving rise to a new way of designing gardens in Portugal closer to portuguese culture, the ecology of the Mediterranean landscape and a design which works with the masses of vegetation and light to build ambiances.

This project was also paradigmatic because of the number of testimonies it left, namely studies and drawings, but also notes and records of the whole process.

This open data is the result of the compilation, digitization, cataloging and interpretation of all the information that documents the project and work of the (then) Calouste Gulbenkian Park.

Its navigation offers different possibilities of research and the diversity of documents allows to articulate the diverse contents in a comprehensive way.

With this “open data” resource it is now possible for the more curious or the specialized researchers, from the most diverse areas to deepen the study of the whole process of conception and construction of the garden.

KEY-WORDS: Garden, history, open-date, heritage

GULBENKIAN. OPEN DATA

- **Aurora Carapinha** | *Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA)* - Universidade de Évora | aurora@uevora.pt

Arquiteta Paisagista. Doutorada em Artes e Técnicas da Paisagem pela Universidade De Évora. Diretora do Programa de Doutoramento de Artes e Técnicas da Paisagem. Tem desenvolvido investigação na área da arquitetura paisagista, sobretudo na teoria da paisagem e arte dos jardins tendo publicado vários artigos sobre estas matérias. Leciona na Universidade de Évora é professora convidado no Programa de Doutoramento da FAUP. Coordena a linha de investigação de Paisagem do Centro de História da Arte e de Investigação Artística.

- **Paula Maria Simões** | *Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA)* - Universidade de Évora | pmss@uevora.pt

Arquiteta Paisagista e Professora Auxiliar na Universidade de Évora. Com Licenciatura em Arquitetura Paisagista (U.Évora), Mestrado em Antropologia – Património e Identidades (ISCTE) e Doutoramento em Artes e Técnicas da Paisagem (U.Évora), os seus interesses de investigação centram-se nos temas do projeto da paisagem, no processo de transformação da paisagem e na paisagem enquanto sistema. É membro do centro de investigação CHAIA. Leciona ao 1º e 2º ciclo de Arquitetura Paisagista, em teoria e Projeto com especial dedicação às componentes de conceção, construção e pormenorização do projeto. Desde 2000 é sócia-gerente da empresa *Sítio e Lugar, Sociedade de Arquitetos Paisagistas, Lda* onde assume a coautoria de vários projetos de arquitetura paisagista, planos de ordenamento da paisagem, estudos de avaliação de impacte ambiental, coordenação e fiscalização de obra. A atribuição de vários prémios e a participação em diversos concursos e exposições tem distinguido os trabalhos do atelier a nível nacional e internacional.

- **Paula Corte Real** | Fundação Calouste Gulbenkian | pcortereal@gulbenkian.pt

Licenciada em Arquitetura Paisagista pela Universidade de Évora. Coautora de vários projetos de arquitetura paisagista, planos de ordenamento do território, estudos na área do ambiente e da paisagem. É sócia-gerente, desde 2003, do atelier de artes, estudos e projetos – Lugar Invisível / Traços na Paisagem. Desde 2005 tem colaborado com a Fundação Gulbenkian onde, desde 2014, coordena o Programa Educativo do Jardim Gulbenkian.

- **Gonçalo Pinheiro** | ggsilvapinheiro@gmail.com

Mestre em Arquitetura Paisagista pela Universidade de Évora, foi colaborador no projeto do Arquivo Digital do Projeto do Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian.

O jardim como experiência(s)

O jardim da Fundação Calouste Gulbenkian é um ecossistema artificial enquadrado num contexto cultural e estético que se oferece como espaço de prazer e de vivência no seio da natureza em contexto urbano e foi desenhado por dois excecionais arquitetos paisagistas portugueses representantes da primeira geração: Gonçalo Ribeiro Telles e António Facco Viana Barreto.

Este jardim materializa, de forma impar, o quanto qualquer jardim pode ser um laboratório de paisagem. Esta ideia de laboratório de paisagem tem a ver com facto de terem sido, neste projeto, postas em prática diversas soluções novas que, tendo sido amplamente estudadas em projeto, foi a própria evolução do jardim que testou ao longo do tempo. O facto de ser um projeto que, depois de maduro (50 anos após ter sido criado) volta a ter a intervenção de um dos seus autores, readequando-o a uma nova escala de utilização, permitiu fazer o balanço entre as expectativas iniciais e o rumo que a própria força da Natureza lhe imprimiu.

Com o arquivo digital que a Fundação recentemente disponibilizou on-line, essa experiência – extraordinariamente sensorial – tem agora a possibilidade de se tornar mais completa, interessante e rica, por se permitir ao público conhecer e interpretar todo o processo, desde os princípios de conceção do desenho do jardim, às opções administrativas, técnicas e comerciais que permitiram a sua materialização numa obra tão singular, representativa da modernidade e tão inovadora para a época na técnica e nos dispositivos complexos com que foi construído. A navegação oferece diferentes possibilidades de pesquisa e a diversidade de documentos escolhidos procura articular a objetividade dos conteúdos técnicos à componente sensorial (imaterial) que se considera fundamental à experiência de jardim.

O valor do espólio existente

Em 2005, quando iniciámos a investigação para escrever o livro sobre o Jardim Gulbenkian, percebemos que o conjunto dos belíssimos documentos produzidos pelos arquitetos paisagistas Ribeiro Telles, Vianna Barreto e restante equipa envolvida no projeto do jardim, (aliás intimamente ligado ao projeto do edifício), era muito mais extenso do que poderíamos imaginar. Na verdade, já anteriormente havia sido realizado um primeiro trabalho de investigação sobre estes documentos, pelo que se anunciava que entre o arquivo morto e outros arquivos um interminável conjunto de informação escrita e desenhada iria emergir. Estes documentos, bem guardados e conservados, abrangiam desde esboços, cálculos e notas feitas à mão, desenhos técnicos de todas as fases de projeto, alguns com correções e apontamentos, com variadas versões, memórias descritivas, cortes e perfis do terreno ilustrando diversas ideias, muitas nunca concretizadas, inúmeros pormenores construtivos, informações internas muito detalhadas, atas, etc... Cada documento surge correlacionado com uma série de outros documentos importantes. Por ser, à partida, um concurso de ideias tão bem preparado, com a participação de uma competentíssima equipa de consultores, e com uma posterior desenvolvimento do projeto sustentado por um serviço de projetos e obras criado então na Fundação para o efeito, este projeto permitia gerar, e gerou, uma dinâmica de desenvolvimento solidamente ancorada numa produção riquíssima de documentos de estudo bem como a maquetização e experiência à escala real de novas soluções construtivas (nunca anteriormente testadas ou implementadas) criadas de raiz para responder aos desafios das arrojadas ideias que o projeto almejava.

Um bem para partilhar – a necessidade de o disponibilizar

Raramente, e por razões tendencialmente económicas e de tempo, a realização de um projeto de um parque ou jardim permitiu produzir um tão vasto conjunto de estudos e ensaios. A excelência das soluções encontradas tem por trás um *know how*, ou antes, a explicação de como é possível a sua realização.

Não só para quem se debruça especificamente sobre o estudo deste jardim, mas para todos os projetistas desta área ou mesmo qualquer pessoa que se interesse e questione, estes documentos constituem, em conjunto e individualmente, autênticos tesouros de conhecimento e inspiração. No entanto, o facto de serem documentos em papel, frágeis e já com muitos anos, torna complexa a sua partilha para lá de uma consulta direcionada, autorizada e presencial. A consciência de que a

digitalização de todos esses documentos é o passo que antecede a possibilidade de os disponibilizar em formato digital através da internet permitindo divulgar a sua existência e fomentando o seu estudo desencadeia a vontade de realizar essa tarefa.

Há sempre um momento certo - A oportunidade

A realização de um projeto desta envergadura requer que um conjunto de circunstâncias se reúnam para que seja possível. É necessário criar uma equipa para selecionar os documentos, catalogá-los, agrupá-los, contratar a sua digitalização em grande resolução. A criação de alguns serviços no seio da Fundação, serviços que não existiam em 2005, sendo exemplo os Arquivos da Fundação - que iniciaram então um processo de catalogação, compilação e arquivamento dos documentos existentes - e de um serviço de transformação digital - que iniciou também uma reformulação profunda na comunicação digital – constituiu a oportunidade para dar forma ao projeto do arquivo digital do espólio do jardim.

Para que serve? – os objetivos

A compilação e disponibilização deste conjunto de documentos on-line facilita a sua consulta de forma coadjuvada, simplificada, decodificada e interrelacionada, e permite alcançar um público muito abrangente. Permite também otimizar o cruzamento da informação entre os vários documentos e relacioná-los.

O objetivo de empreender esta operação tem como primeira intenção promover uma maior divulgação deste património que é também monumento nacional e igualmente a vontade de oferecer a todos a oportunidade de conhecer melhor e aprender com este espólio. Nomeadamente numa vertente de ensino, em especial para a arquitetura paisagista, este património constitui um objeto de estudo muito completo na área do projeto permitindo entender todo o processo conceptual, técnico e orçamental que sustentou a materialização no jardim.

Da natureza das fontes. A oportunidade de partilhar o espólio num arquivo digital

Os documentos que compõem este *Open Data* são parte do abonado e extenso espólio do Arquivo e Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian a que acrescem alguns documentos dos espólios pessoais dos autores. O estado de conservação do espólio é exímio e possui um valor não quantificável. Através dele, é possível conhecer, entender e historiografar de forma completa, minuciosa e

provavelmente única a nível nacional, como foi imaginado, pensado e construído o mais icónico jardim do movimento moderno na cultura portuguesa.

Os documentos existentes no Arquivo e Biblioteca da Fundação que desvendam e fundamentam a história de uma obra que se tornou sublime são de natureza muito diversa – desenhos técnicos, esboços, memórias, notas, apontamentos, fotografias documentais e artísticas, áudios e outros registos de natureza vária.

O espólio é também singular pela qualidade gráfica e inovação das técnicas de desenho, pela qualidade técnica dos conteúdos que constituem o projeto e elevam a importância do jardim enquanto objeto de estudo e como referência singular para a história do projeto de arquitetura paisagista em Portugal. Observando os desenhos, de uma qualidade gráfica ímpar, e o rigor dos documentos técnicos, podemos facilmente certificar como este projeto, desenvolvido durante uma década por arquitetos paisagistas integrados no seio de uma equipa transdisciplinar, se traduz num conjunto complexo e íntegro onde edifícios e jardim são uma única entidade.

A oportunidade de contribuir para a possibilidade de partilha ao público deste espólio num arquivo digital constituía um desafio que acarretava dificuldades várias. Porque a quantidade e a diversidade das fontes existentes, a riqueza conceptual e técnica do conjunto, o valor patrimonial e histórico ‘per si’ de cada documento para a memória daquele lugar dificultavam a seleção do conjunto de documentos que era possível ser disponibilizado on-line, revestiu-se da maior importância a vivência do jardim e o conhecimento do espólio já adquirido quando revisitado para a realização de em anteriores trabalhos de caracterização e divulgação da história do Jardim.

Este projeto é ainda mais especial porque goza do privilégio que é ter presente um dos autores de um projeto que hoje se reconhece com ímpar. Tem sido incalculável o contributo imaterial com que Gonçalo Ribeiro Telles nos enriquece a vivência de jardim numa permanente partilha de histórias, pormenores e ideias onde revela, tantas vezes nos cantos e recantos do jardim, como se materializa todo o imaginário da *Ilha dos Amores* em que se inspirou.

As etapas de operacionalização das fontes. Seleção, tratamento e catalogação

A oportunidade de iniciar a construção de um arquivo digital implicava, numa primeira fase, definir um número de fontes a tratar. Esse número deveria ser calculado com base no tempo de execução previsto, no orçamento disponibilizado para a digitalização dos documentos em alta resolução e

pagamento de honorários e prestações de serviços inerentes às valências de técnicos especializados que seria necessário integrar nas diferentes equipas que estariam afetas a este projeto. Com frequência as equipas a quem foram atribuídas tarefas e funções distintas que viriam a permitir colocar on-line o arquivo, trabalharam de forma interdisciplinar.

Foi necessário selecionar, caracterizar e digitalizar os documentos objeto de catalogação de entre todo o espólio que estava disponível.

Antes de disponibilizar os documentos on-line, e porque o fundo documental apresentava características específicas e heterogéneas, foi identificada a necessidade de criar uma base de dados uniforme e coerente que permitisse proceder à sua catalogação, conservação e digitalização. Cada documento foi fotografado e transferido para formato digital, associado o seu registo com a imagem de baixa resolução cuja visualização iria ser permitida através da Internet. Paralelamente constitui-se uma base de dados de imagem, de alta resolução, que garante a execução de trabalhos de impressão numa qualidade semelhante à do documento original e a sua cedência (por pedido download) quando solicitada pelos utilizadores.

Para a catalogação individual na base de dados do *back office* do site, foi desenhada uma ficha considerando os diferentes campos e a especificação das normas para o seu preenchimento. Utilizamos como base metodológica e estrutural a plataforma *DublinCore* e são exemplo do trabalho desenvolvido:

- **Identificador.** Este campo permite identificar o documento em questão, referenciá-lo no conjunto de todo o arquivo e garantir a normalização de todo o espólio;
- **Tipo de dados.** Cada documento é caracterizado tipologicamente enquanto Texto (dactilografado, manuscrito, impresso, cópia), Desenho (técnico, ilustrativo, temático), Multimédia | Audiovisuais; Cartografia; Fotografia ou 3D (Maquete);
- **Título.** Salvaguardando que no registo de cada documento deve ser conservando o título original que consta no documento;
- **Descrição.** Este campo requiere uma caracterização profunda do documento. Deve contextualizar o documento, registar o nome dos intervenientes e todos os outros elementos que enriqueçam a pesquisa por palavra. Deve conter registo de data, lugar, autores, momento/ação a que se refere. Deve ser descrito com base na informação contida no documento ou acrescentado e informação obtida através de fontes fidedignas. Deve conter toda a informação de texto original ou que lhe foi adicionada (assinaturas, notas, referências, remetente, destinatário, selos, carimbos, etc)

- **Identificação de conteúdos técnicos.** história, desenho, modelação, drenagem, rega, pavimentos, materiais inertes, material vegetal, equipamento, mobiliário, palavras chave.
- **Identificação de Fase de desenvolvimento no âmbito do Projeto.** Caracterização e análise; Processo administrativo; Anteprojeto; Projeto de execução; Construção; Revisão; Medidas de conservação e manutenção;
- **Autor(es).** autoria do documento (desde os intervenientes diretos à instituição - Fundação).
- **Data de Produção.**
- **Escala.** Deve ser identificada a escala de trabalho. Quando não aplicável deve ser inscrita a designação “não aplicável”.
- **Estado de Conservação.** deve ser claramente identificado o estado de conservação do documento. (se pertinente indicar o tipo de deterioração que o afeta a causa e os motivos bem como a legibilidade do conteúdo (desenhado e escrito).
- **Historial.** Se existir essa informação deve ficar registado o percurso do documento até à sua incorporação na coleção. Indicar informação relativa ao documento ao acontecimento/fase que testemunha.
- **Co-relação entre documentos.** É fundamental a identificação e referência a objetos, materiais ou documentos relacionados, por forma a enriquecer o registo de relações de proximidade (física, artística, histórica, económica, cultural, etc...) entre documentos da mesma coleção (texto, cartografia, desenho, microfilme...) ou para com documentos de outras coleções.
- **Original/cópia** - Deverá ser ponderada a importância de catalogar outros exemplares sempre que se detetar a existência de múltiplos documentos iguais. Por exemplo se para além do original existir uma cópia que se apresenta autografada ou anotada.

No tratamento dos documentos foram respeitadas as normas internacionais de tratamento documental (cartográfico - ISBD-CM, manuscrito - ISBD-A e UNIMARC – formato de troca de dados), as normas estabelecidas pela Agência Bibliográfica Nacional (RPC – Regras Portuguesas de Catalogação) e ainda as normas de transferência de suporte de documentos de modo a garantir o acesso e intercâmbio de informação.

Modelo e Estrutura do site. Metodologia e algumas particularidades

A estrutura do arquivo foi desenhada para que na base de dados, num processo fácil de consulta, o utilizador possa recorrer a três tipologias de pesquisa distintas: cronológica, por palavra-chave ou por pesquisa avançada. O modelo de dados *Dublin CoreMetadata Element Set* é um vocabulário de 15 propriedades usadas mundialmente em descrição de recursos. A estruturação da informação com base neste modelo permitiu orientar a pesquisa tanto para um público não especializado, quanto por investigadores especializados vindos das mais diversas áreas do saber (arquitetura paisagista, arquitetura, engenharia, história económica). Essa polivalência é possível pela utilização mais intuitiva que se procurou facilitar.

Algumas particularidades deste arquivo digital decorrem da especificidade do objeto que revela, da complexidade e riqueza da sua história e processo construtivo, da diversidade de públicos que pretende alcançar e da vontade de cativar o visitante para uma experiência mais rica (virtualmente ou no complemento da experiência do jardim enquanto laboratório) do que a simples navegação documento a documento. Esta diversidade de tópicos não desvaloriza a riqueza individual de cada um dos documentos selecionados. Pelo contrário.

Dar a conhecer a complexa história deste jardim, disponibilizando-a através de um arquivo digital, levou-nos até à organização cronológica das fontes em balizas temporais, procurando balizar diferentes fases de todo o processo e revelar o grau/nível de transformação que foi operada no lugar onde hoje experienciamos o jardim da FCG. São testemunho dessa intensa transformação as fotografias da época 60, nelas podemos ler um jardim bem diferente, de grandes clareiras relvadas em diálogo com jovens maciços de vegetação e alguns conjuntos de árvores já herdadas do parque do século XIX.

O percurso pelas seis fases que identificámos para desvendar a história daquele lugar desde o séc. XVII até ao ano 2000, ano em que o jardim foi alvo de um projeto de recuperação do qual Gonçalo Ribeiro Telles é novamente responsável. As seis fases, complementares entre si, revelam o amadurecimento de todo o processo, desde a escolha do lugar às etapas de natureza administrativa, ao processo criativo e construtivo que trouxe até hoje o jardim que vivenciamos.

Uma primeira, designada «**Do carácter do lugar**» revela ao visitante que o terreno o lugar onde hoje se localiza a Fundação Calouste Gulbenkian, no centro da cidade de Lisboa, foi, no séc. XVIII, uma das portas da cidade, pertencendo a uma quinta de recreio das muitas que circundavam os arrabaldes da cidade. Só em 1861 o palácio e quinta foram adquiridos por José Maria Eugénio de Almeida, figura de destaque no reino e conselheiro de Estado, desencadeando a transformação deste espaço num enorme parque de carácter paisagista. Refletindo todas essas opções as profundas modificações que

à época se passam em Portugal, por intermédio de uma monarquia liberal que olha a Europa como um símbolo de progresso e civilização.

José Maria Eugénio convida Cinatti, arquiteto cenógrafo, para construir as cocheiras do seu palácio. O Parque de Santa Gertrudes é mandado construir a Jacob Weiss, jardineiro suíço formado na escola francesa do desenho de jardins.

A obra inicia-se em 1866 e termina em 1870. Numa zona central do terreno é construído um lago, elemento polarizador de todo o espaço, de onde parte uma alameda até à entrada do palácio. Toda a área é densamente arborizada com vegetação autóctone e exótica e sublinha a franca e nobre relação entre o lago e o palácio.

Em 1883, a viúva de José Eugénio de Almeida, D. Maria das Dores Pinto, cede o Parque de Santa Gertrudes para a instalação do Jardim Zoológico e de Aclimação de Lisboa, que aqui permanecerá durante dez anos. Esta será uma nova fase na história deste espaço, em que a componente social passa a ser uma tônica muito forte do carácter do lugar, inscrevendo-se inegavelmente na vivência da cidade de Lisboa e do país, até hoje.

A segunda fase da cronologia mostra-nos «**A preparação do parque e as instalações provisórias (1957-1963)**». Inicia-se com a aquisição (1957) do Parque de Santa Gertrudes pela Fundação Calouste Gulbenkian, onde em 1958, começaram a funcionar os serviços de Direção, Serviço de Projectos e Obras e Serviço de Belas Artes e Museu da Fundação.

Do concurso ao anteprojecto (1959-1962) é a terceira etapa e percebe-se quanto o Parque de Santa Gertrudes é determinante ao desenvolvimento do projeto, destacando-se pela sua dimensão, pela necessidade de prever a continuidade urbanística e pelo seu papel fundamental enquanto pulmão da cidade. É em fevereiro de 1960 que as três equipas de arquitetos convidadas entregam as suas propostas para as Instalações da Sede e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian e a 5 de Abril de 1961, o Eng. Guimarães Lobato propõe a Azeredo Perdigão a contratação de dois técnicos para a realização de estudos e projetos ligados ao arranjo do Parque de Santa Gertrudes, de entre os seguintes nomes: Gonçalo Ribeiro Telles; António Facco Viana Barreto; Manuel de Azevedo Coutinho; Edgar Ferreira Fontes e Álvaro Ponce Dentinho.

O quarto período procura caracterizar a fase que decorreu «**Do projeto de execução à obra (1963-1969, 5)**».

Durante o ano de 1964 foram desenvolvidos um conjunto de estudos que procuravam encontrar a melhor solução da área a adquirir.

Em novembro de 1964 Gonçalo Ribeiro Telles considera que a construção de um edifício, que funcionaria como Centro de Educação Artística, numa faixa a Sul do terreno iria comprometer um valioso maciço arbóreo aí existente.

Perante esse parecer Guimarães Lobato arquiva o processo, que só será reaberto um ano depois em outubro de 1965, quando se pensa instalar já não o Centro de Educação Artística mas o novo Centro de Ballet.

Em correspondência trocada entre José de Azeredo Perdigão e o Conde de Vilalva, datada de 18 de outubro de 1965, lê-se que é urgente a: “(...) definição, de um modo tanto quanto possível definitivo, da extrema entre a propriedade de V.Ex.^ª. e a parte do Parque de Santa Gertrudes, (...) que pertence à Fundação.” (...). Torna-se necessário construir um importante edifício precisamente junto à actual extrema divisória (...) é indispensável que V.Ex.^ª. nos diga se estará disposto, mais uma vez, (...) a ajudar-nos, vendendo à Fundação, por preço a combinar, mais um lote de terreno (...). Os arquitetos paisagistas são mais uma vez consultados sobre a possível ampliação e desta consulta resultou um conjunto de peças desenhadas e um documento assinado pelo arquiteto Jorge Sotto-Mayor de Almeida e pelo arquiteto Gonçalo Ribeiro Telles onde foi claramente definido o caminho a seguir.

Decidida a área e a forma da parcela a adquirir dá-se início a um processo de revisão do *ante-projecto* apresentado em 1963.

A **Revisão de 1966**, quinta fase, revela ao visitante como a ampliação da área vem reforçar a expressão do lago no desenho do conjunto e promover uma relação mais eloquente com o grande auditório. Foi através da vegetação e da modelação do terreno que foi perpetuado um eixo anteriormente definido por Jacob Weiss e reforçado o enquadramento do anfiteatro. Complementarmente foram também revistas a entradas para o parque subterrâneo.

O período que corresponde às **Operações de conservação e manutenção (1969-2000)** é a última fase que à data se encontra documentada e disponível on-line. O parque apresentava sinais de degradação e em maio de 1976 a Administração da Fundação convida António Facco Viana Barreto, coautor do projeto do Jardim, para desenvolver e acompanhar o processo de revitalização ou adaptação de algumas áreas do Parque.

Metodologicamente, e de forma complementar à pesquisa livre, temática ou por palavras-chave, convida-se o utilizador a navegar pelo arquivo, usufruindo de uma experiência onde a interação entre documentos é proporcionada de forma temática e facilmente acessível através de links que o texto sugere ao leitor uma pesquisa fluida não programada. Entenda-se, um exemplo através da seguinte simulação:

CAPITULO 1 - Do concurso ao anteprojecto (1959-1962)

“O Programa das Instalações da Sede e Museu: considera que O Parque de Santa Gertrudes, devidamente restaurado na pujança da sua vegetação, constituirá um dos espaços livres públicos de maior interesse de Lisboa; local privilegiado que certamente atrairá a população e proporcionará à Fundação possibilidades de maior divulgação das suas actividades culturais. E, assim sendo, (...) Também se tiveram em conta as limitações da área do parque em relação às

suas funções relevantes de espaço verde urbano, aproveitadas para a valorização e o enquadramento do conjunto das edificações a construir.”

O Concurso – as três propostas

Em Fevereiro de 1960 os três equipas de arquitetos convidadas, assessoradas por Leslie Martin e Franco Albini, entregam as propostas para as Instalações da Sede e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian.

As equipas são constituídas pelos seguintes arquitetos:

- Ruy Athougia, Alberto Pessoa e Pedro Cid – [Grupo A; \(link\)](#)
- Arménio Losa, Luís Pádua Ramos e Formosinho Sanchez – [Grupo B;](#)
- Arnaldo Araújo, Frederico Jorge e Manuel Laginha – [Grupo C.](#)

A 4 de Abril de 1960 a Azeredo Perdigão informa os arquitetos Ruy Athougia, Alberto Pessoa e Pedro Cid – Grupo A, que a sua proposta é a proposta vencedora.

Extrato da Memória Descritiva do Grupo A (Plano Geral)

Em Fevereiro de 1960 o *Grupo A* — uma das três equipas convidadas a concurso, para além do *Grupo B* e *C*, constituído pelos arquitetos Ruy Athougia, Alberto Pessoa e Pedro Cid — apresenta a sua proposta para as Instalações da Sede e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian.

Grupo A — Extractos da Memória Descritiva apresentada por Ruy Athougia, Alberto Pessoa e Pedro Cid

(...) A solução que se propõe para o conjunto da Sede e Museu da Fundação resultou, para além do cumprimento das condições do programa, da atenta interpretação do sentido humano e do carácter predominantemente cultural da instituição. (...) A construção implanta-se em posição central dentro do Parque, com uma ocupação de área de cerca de 15%, sendo as orlas arborizadas envolventes suficientemente amplas para garantirem um bom isolamento em relação às vias de trânsito periférico. As condições topográficas do local onde as árvores de maior porte se encontram numa zona de cota mais elevada do que toda a orla Norte do terreno, permitiram localizar na depressão existente, um vasto piso subterrâneo, cuja a cobertura dá origem a uma ligeira sobrelevação artificial, que valoriza perspectivamente os edifícios. A distribuição dos volumes de construção obedeceu fundamentalmente a uma procura de horizontalidade, que deixasse ler para lá deles, e em todas as direcções, a continuidade do Parque. O Parque condicionou também a organização dos espaços interiores, que se procuram valorizar em função da zona verde que os envolve. Salienta-se aqui a posição das salas de reunião e de conferências, da nave de exposições temporárias e o tratamento espacial do Museu, cujas galerias abrem em grande parte para sul. (...) As coberturas dos corpos mais baixos foram tratados, ou como extensão do próprio Parque (salas de reunião e conferências) ou como terraço ajardinado na cobertura da nave de exposições temporárias o qual constitui prolongamento ao ar livre das instalações de Recepção e da Presidência. (...) Este anfiteatro (concebido sem qualquer rigidez de traçado, sendo as filas de lugares dispostos por entre o arvoredos, constitui um elemento paisagístico

(...). O arranjo paisagístico do Parque prevê-se realizável em grandes extensões de relvado, com maciços de arvoredo e um mínimo de arruamentos de serviço. Prevê-se não só a conservação das melhores espécies existentes, entre as quais avultam os três eucaliptos, cuja conservação condicionou a implantação dos edifícios, mas também a plantação de outras, nomeadamente no guarnecimento de orlas previstas.

II – APRECIÇÃO GERAL DO ESTUDO APRESENTADO PELO GRUPO A a) UTILIZAÇÃO DO SÍTIO. O EDIFÍCIO EM RELAÇÃO AO PARQUE E ÀS IMEDIAÇÕES – Apesar duma certa rigidez de recorte em planta e de volumes o edifício proposto integra-se no parque dum modo correcto e agradável. Ocupa a zona mais desguarnecida de arvoredo; deixa livre 86,6 % do terreno; permite, por todos os lados, um amplo envolvimento de vegetação; tomou na devida conta a existência das árvores mais valiosas; desenvolve-se em volumes baixos, que o arvoredo domina em altura; e sobretudo não está apenas poisado ou encaixado no terreno. A suave elevação do solo a partir da Avenida de Berna e os relevos e interpenetração criadas são facetas muito apreciáveis da integração conseguida. Por outro lado a presença e o goso do Parque sentem-se em variados sectores da composição interna (ex: foyers, salas de reunião e de conferências, exposições temporárias, restaurante, etc). quanto às relações com o exterior envolvente do parque o edifício não criará problemas, dado que viverá com relativa autonomia no seu próprio enquadramento natural. (...)
RELATÓRIO DE APRECIÇÃO DOS TRÊS ESTUDOS DE ANTE-PROJECTO DA CONSTRUÇÃO DA SEDE E MUSEU DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN de 20 de Março de 1960. (...)

A 4 de Abril de 1960 a Azeredo Perdigão informa os arquitetos Ruy Athougia, Alberto Pessoa e Pedro Cid – Grupo A – que a sua proposta é a proposta vencedora.

Maqueta do Conjunto – Concurso equipa A

Colaboração dos arquitetos paisagistas

Maqueta do conjunto – equipa A – Concurso

A equipa vencedora contou com a colaboração do arquiteto paisagista António Facco Viana Barreto na fase de concurso.

Este arquitecto paisagista diz-nos que:(...) foi convidado por Ruy Athougia para participar no anteprojecto da Gulbenkian, em especial no referente à definição preliminar da vegetação a manter e, sobretudo, em relação ao tratamento a dar ao revestimento vegetal da cobertura da área de estacionamento subterrâneo que se previa uma superfície com cerca de 7000m². Nesse tempo, não era muito comum a construção de estacionamentos subterrâneos, em particular com uma área tão vasta. Porém, a experiência que já tinha neste tipo de revestimento facilitou então a nossa participação no projecto ¹ (...).

Viana Barreto refere-se à sua colaboração, em 1959, no projeto do Hotel Ritz, da autoria do Arquitecto Pardal Monteiro, onde juntamente com Álvaro Dentinho e

¹ [i] António Facco VIANA BARRETO, “ Os jardins da Fundação Calouste Gulbenkian” in *A Utopia e os Pés na Terra*, pp.213-215, Ministério da Cultura, Lisboa, 2003. p. 214

Albano Castelo Branco, havia desenvolvido um *Reticulado de Fixação de Raízes* para os terraços daquele hotel.

Conhecimento que se revelava da maior importância para a resolução da cobertura do estacionamento subterrâneo da Fundação Calouste de Gulbenkian. Uma vez que a equipa vencedora propunha que essa cobertura se apresentasse não como uma ruptura no parque mas sim como parte dele, como sua continuidade. O desafio era, no entanto, maior para António Barreto. Pois novas variáveis surgiam: a dimensão e a inclinação da cobertura. Ao problema da fixação das raízes acresciam, agora, problemas de drenagem e de acumulação de água criando, assim, condições adversas ao revestimento vegetal.

António Facco Viana Barreto foi chamado para dar resposta a um problema específico que, simultaneamente, era um tema fundamental da proposta apresentada. Este fato anuncia o papel que os arquitetos paisagistas virão a desempenhar em todo este processo. De fato eles irão desenvolver o desenho do parque mas irão demonstrar, também, a sua competência e inovação na resolução de questões técnicas específicas.

Reticulado de Fixação das Raízes

Planta pertencente ao espólio do arquiteto paisagista António Facco Viana Barreto, acondicionado no forte de Sacavém – Direção-Geral do Património Cultural

Reticulado de Fixação de Raízes (1959) desenvolvido pelos arquitetos paisagistas António Facco Viana Barreto, Álvaro Ponce Dentinho e Albano Castelo Branco para os terraços do Hotel Ritz, projetado pelo arquiteto Pardal Monteiro em Lisboa.

Acresce ainda como outra das particularidades deste projeto o enriquecimento dos documentos por textos curatoriais que provocam o visitante e desvendam a história, a identidade daquele lugar e explicam as singularidades desta obra.

Complementarmente são disponibilizadas biografias dos autores do(s) projeto(s) e de personagens significantes para a história do Jardim.

Uma ferramenta para o futuro num processo aberto e em crescimento

Em 2000, Gonçalo Ribeiro Telles foi convidado a levar a cabo um novo projeto de reabilitação do Jardim cuja obra se iniciou em 2002, tendo terminado dez anos depois. Essa proposta do Arq.º Paisagista Ribeiro Telles assenta numa forte interação com o processo de maturação do Jardim, por um lado,

controlando os aspetos negativos do seu envelhecimento, e, por outro, integrando os aspetos e lugares mais interessantes que o natural crescimento da vegetação foi criando e será, muito provavelmente e a par da disponibilização de uma versão inglesa dos textos curatoriais e das ferramentas de busca, a próxima etapa a introduzir no arquivo digital. Num processo aberto e dinâmico que se encontra em permanente crescimento, o arquivo propõe-se disponibilizar novos documentos à medida que estes são recolhidos, arquivados e tratados.

A base de dados prevê também a introdução de outros documentos, complementares às fontes disponibilizadas e que por razões de ordem prática e orçamental terão sido preteridas numa primeira seleção para a caracterização das balizas temporais já apresentadas a público.

A colaboração do público e investigadores como enriquecimento desta base de dados foi também equacionada estando recetiva à introdução de documentos externos, sugestões ou novas experiências de pesquisa.

Tal como o processo de construção deste arquivo digital a equipa de desenvolvimento deste projeto foi aberta e dinâmica, fruto das diferentes etapas e da especificidade das tarefas implícitas à sua concretização. É essencial reconhecer, em jeito de agradecimento, aos Serviços Centrais da Fundação Gulbenkian, nas pessoas do Dr. António Repolho Correia e da Dra. Maria João Botelho, por viabilizarem o projeto; ao Dr. João Vieira, pela colaboração na gestão e organização do trabalho de tratamento documental, ao Dr. Paulo Leitão pela intensa colaboração no âmbito da estruturação e apresentação da informação enquanto base de dados digital, da Dr. Mafalda Melo de Aguiar na disponibilização da informação de arquivo, ao João Santos pelo empenho no registo individual de centenas de documentos na base de dados dos Arquivos da Fundação, às equipas que desenharam e programaram o site.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

António Facco Viana Barreto, “ Os jardins da Fundação Calouste Gulbenkian” In *A Utopia e os Pés na Terra*, Ministério da Cultura, pp.213-215. Lisboa, 2003.

Aurora Carapinha, “O jardim da Fundação Calouste Gulbenkian a poética da materialidade”, In *Philosophica*, 29, pp.115-123. Lisboa, 2007.

Carapinha, Aurora, *Fundação Calouste Gulbenkian: o jardim* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006).

Telles, Gonzalo Ribeiro; Barreto, Antonio Viana. “Jardín Gulbenkian.” In *Paisea: revista de paisajismo*, (2007), 2: 68-73